

Adriana Vieira Lomar

# **Ambiguidades**

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2021

ACHADOS E  
PERDIDOS

## **Os gerânios me entendem**

Sei que o nome dela por aqui é um tabu, mas assisti à cena, e isso anda me incomodando. Vou omitir seu nome. Ela não virá contra mim, caso algum dia leia esta nota. Se bem que... Não correrei esse risco, guardarei estas linhas no fundo de minha gaveta, como uma joia de família. Gaveta a ser aberta por seus herdeiros – e tal coisa ocorrerá, quando tanto eu quanto ela já estivermos em outra dimensão.

Estou na janela aguardo os gerânios. A tarde desmaia de preguiças, enquanto a lua emerge. Uma inquietude em mim, um mau prenúncio. A rua quieta ao extremo traz o cheiro das trevas, do susto e do imprevisto. Quem dera eu estivesse errada...

Ela está voltando da escola, quando os quatro bem mais velhos a abordam. Medrosa, sento-me no chão frio da sala e, entre as grades, assisto. O som do asfalto, a rua deserta assovia quando as folhas tocam o chão fedido.

Os quatro ecoam juntos o boa-tarde mais sentido que já escutei. Suas vozes não chegam até o segundo andar, onde permaneço escondida. De súbito, ela abre a camisa. Antes, olha para todos os lados. Agacho-me ainda mais. Deito-me no chão, agora mais frio. Entre meus olhos e a cena, há um fiapo de grade – uma grade porosa.

Vejo um par de seios frescos, com bicos rosáceos e es-pertos. Um beija o esquerdo, outro o direito. Os outros dois permanecem quietos, de braços cruzados, olhando a rua como quem vigia. Passados alguns minutos, talvez dois, eles trocam de lugar.

Os dois tiram a saia de pregas. Ela no meio, entre os dois, esmaece. Sua bochecha rosada deita no braço cabeludo de um deles. A essa altura, não sei o que fazer. Prefiro observar os fragmentos dos gerânios que ainda me parecem hidratados.

As doze baladas do sino vibram na pequena cidadela. Canso-me de permanecer deitada e me sento. Os cinco ainda estão na rua ainda deserta. Ouço seus gemidos daqui. Nem os sinos impõem receio. E se eu tiver coragem e simplesmente aparecer ali?

Mas isso não dará certo. Trabalho para o pai dela, o pre-feito. O cara é viúvo, um pobre coitado. E aqueles quatro, vi todos nascerem, conheço suas mães. Todas estudaram comigo. Também, pudera, haveriam de estudar em outro lugar? Por aqui só há uma escola, a mesma onde ela estuda, que mantém o mesmo uniforme, apesar de três décadas terem passado, assim, feito mágica.

Vou permanecer aqui boquiaberta, rezar um pouco, pe-dir para os cinco se mancarem. Meu Jesus Cristo, tende pie-dade de... Não deu outra, uma pancada de chuva daquelas devastadoras, com direito a raio, trovoada. No ritmo em que meu coração bate, de puro desassossego.

Os quatro correm em direção a suas casas desertas. As mães estão na igreja. Ela, feito uma estátua, permanece ali, com a blusa desabotoada. Tenho que ir a seu encontro, pre-ciso abotoar cada botão. Exercer a maternidade que não quis para mim.

E, com muita dor, feito faca me cortando, eu a vejo saindo do ponto em que estava. Partindo com sua saia de pregas abaixo do joelho. Caminhando como se estivesse embriagada. As meias brancas e bordadas borradas de terra e a sapatilha de boneca gasta.

O emblema da escola São José do Amparo sobrevive. A essa altura, estou na esquina. E, de olhos fechados, lembro o dia em que a gerei. Meu sumiço e o dia em que presenteei o prefeito. O grande vazio. Minha vida sem graça.

Na direção contrária, corro e volto a aguardar os gerânios. Ela não me vê. Meus gerânios não falam. E, dessa sacada, posso chorar. Eles me escutam.

## O louva-a-deus

Uma folha voadora chega aqui e faz cócegas em meu nariz. Veio só com esse propósito. Logo depois da missão, ela cai esparramada no chão batido de cimento frio. Por quantas ela passou para chegar aqui? Passou por um corpo ainda morno e vigiado por um bando de urubus que trafegam no espaço aéreo azulado. Eles só observam o momento certo de limpar as vísceras do corpo estendido e mortificado.

Ainda estou sem palavras. Nem sei como começar. Minhas pernas tremem, mas tremiam bem mais antes de ela passar por aqui.

Ela deixa um cheiro bom de alecrim, que me remete ao dia de ontem. Nós estávamos bem, comíamos na grande mesa rememorando nossas histórias antigas, mas ainda não comentadas, apesar do tempo tão longo de vida em comum. Tomamos vinho branco, da cor da neve, que vimos pela primeira vez. Degustamos um peixe rosado e carnudo chamado salmão, que bem lembra os sermões escutados durante as aulas de catequese. Debandamos. Nessa época, eu ainda não o conhecia. Em lugares diferentes, permitimo-nos não acreditar mais em dogmas. Criamos os nossos.

O inhamo assado com raspas de limão traz a lembrança da terra por adubar e a florada como um unguento nos dias

de sofrimento. A sobremesa – cajú derretidos em manteiga de amêndoas – remonta aos gritos de chamar para o almoço o menino peralta, que inventava de subir no ponto mais alto do cajueiro e encher o tacho da mãe com o fruto.

Depois da comilança, resolvemos dormir. O cheiro ainda era bom, apesar da idade avançada, da lembrança de que um dia o torpor da juventude habitava todo o domingo de beijos e toques na pele desnuda. Diminuídos em tamanho, com a tez enrugada e vincada, nós dois gostávamos de dormir feito caramujos.

Não sei quando aconteceu. Há um grande vácuo. Estava adormecendo, quando ele me pediu o travesseiro. Logo depois, mais um pedido inaudito. Disse que não, não poderia jamais cumprir sua ordem. Depois, ele veio com aquela conversa de que eu era mais nova e deveria lhe obedecer. Virei meu corpo para trás. Com raiva, adormeci. Nunca, em seis décadas, dormi sem beijá-lo. Meu braço ficou no vazio.

Meus braços estão vagos e desocupados. Os urubus agora o rondam de fato. Minhas pernas estão fracas. Meu silêncio ainda está ocupado pela raiva.

O boom da bala que me fez acordar. Algumas horas atrás. Sem vizinhos, nesse bosque, ele me deixa assim, solitária.

## Odor

Vomita todo o jantar. Há restos de comida de ontem, quando estava jantando por jantar ao lado dele. Há veios de sangue de veias que acabaram de estourar. Um prolapso.

Ela entra no quarto. Veste uma camisola de modelo antigo, bordada a mão em feitiço exclusivo, do tempo em que viajou e se sentia amante. Anda necessitada de sorrir, procura, nervosa e ansiosamente, por um livro engraçado. Rascunha algumas frases soltas, busca palavras redentoras. Depara-se com a cara escancarada de sorrisos da filha mais nova. Ela está ali, vestida com uma camisola de linho bordada. As duas se dão as mãos, e, a noite inteira, a filha faz a mãe rir. Enxuga as lágrimas. Conta uma história sem os fonemas p e b – discorre sobre o último passeio. Com a língua presa, diz: “o ai escou a ororleta”. Só a mãe compreende a fala da menina. Continuam agarradas.

O barulho das chaves não é suficiente para acalmar a fala das duas. E, ali mesmo, a mãe relata os pecados do pai. A menininha a escuta, mas não esquece as botas do pai e seu jeito fanfarrão. Engole o riso ao se lembrar do grande barulho no pé da escada. Dos pés paralelos do pai e da bunda projetada para a janela que dava para as estrelas. Ela sorri



para dentro e, mesmo assim, escuta a queixa da mãe. Entende a mãe e seus reveses.

O pai continua do mesmo jeito. Carrega aquela alegria e a leva para os jogos de botão. Ela se compadece. A mãe merece alguém que a ame única e exclusivamente. O pai é democrático e, naquela terra, ninguém poderia ser democrático. Ele é dado a paixões, ao som das ancas das mulheres febris em busca de uma noite de amor.

Ela continua ali na cama e, uma dada hora, enxuga as lágrimas e diz que não irá morrer por isso. Se voltasse no tempo, teria amado outros homens, para comparar, é claro. Quem sabe teria fugido com o amigo que se apaixonara por ela. Para isso, precisava de coragem. Agora, ela tem. Ainda é nova. E, nessa vontade de recomeçar, cai no sono, sem esperar por ele como esperara há algum tempo.

Depois do prolapso, ela me deixou. Ainda nova, com a coragem dentro de si. Na penumbra do quarto, a mancha do vômito foi amenizada pelas cinzas perfumadas da grande mulher de camisola rendada. Seu cheiro invade a sala e todos os cantos da grande casa, como um antigo relógio emaranhado de teias. O jasmim inebria o coração.

• *Livros iluminam* •

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em fevereiro de 2021.

---